

Editorial

## **A Fantástica Aventura**

Álvaro de Vasconcelos

A União Europeia está à beira da mais fantástica e temerosa das aventuras: a inclusão da Outra Europa, que a fará dobrar em poucos anos o tamanho e estender-se de Portugal às fronteiras da Rússia. Pela primeira vez da História, a democracia é possível na Europa inteira. Mas só será certa se for debelada a velha doença, o nacionalismo, a intolerância e a xenofobia, que reemerge nos países membros, presentes e futuros, regra geral associada a uma dramatização da segurança.

Alargar-se é um passo essencial, mas de gigante, que a União tem de dar para cumprir a sua finalidade, a sua razão de ser. Mas se tropeçar pode perder nele a alma, o grau de coesão, coerência e exigência que faz da perspectiva de adesão um estímulo poderoso às reformas políticas e económicas. Assim foi ontem com Portugal e Espanha, e é hoje com a Polónia, a Estónia ou a Bulgária.

A União é o grande desígnio, o projecto comum que vale a pena neste início de século. Mas o sucesso está longe de ser certo. A União, apesar do euro, pode vir a dissolver-se ou, pior, desintegrar-se, se o ressurgir do nacionalismo e da política de potência que sempre a marcaram fizer afrouxar os elos e os eixos que a sustentam. Lembra Edgar Morin que “...a ordem europeia é a desordem tumultuosa do estaleiro. A Europa ... nunca existiu como organização superior das partes que a constituem”. Por isso é tão colossal a tarefa da organização e institucionalização da Europa inteira, e por isso também a identidade europeia é o seu projecto futuro e não o seu passado.

O fracasso de Nice é sintoma de que a velha doença não desapareceu. Tanto mais que, na Europa emigrada da América do Norte, foi mal eleito um presidente pouco inclinado aos ideais do multilateralismo e da supranacionalidade, essenciais à superação do risco europeu. A política de George Bush não deixará de causar hesitação ou tibieza perante avanços na integração política por parte de alguns actuais (veja-se o evoluir da posição inglesa) ou futuros membros da União e de facilitar endurecimentos de cariz securitário. Podemos pois caminhar para uma Europa mais atlântica, menos franco-alemã do que tem sido desde 1957.

O desafio essencial para a união dos Quinze, maior ainda na grande Europa que lá vem, é o de garantir a cidadania para todos, preservando esse traço fulcral da cultura europeia que é a sua falta de unidade, ou seja, a enorme diversidade e pluralidade, sem a qual o projecto da União fracassará.

A dualidade europeia, em que a Europa da razão e das luzes convive com a da barbárie, continua bem viva. Ao mesmo tempo que se dão saltos qualitativos na defesa dos direitos fundamentais e da justiça supranacional, ressurge a xenofobia e a intolerância e, mais a leste, a discriminação de minorias nacionais. A par do racismo contra os novos Judeus, que são os Árabes, reassoma, mais a oeste, o anti-semitismo profanador de cemitérios e sinagogas. A sobrevivência da herança europeia, essa mistura da herança judaica, cristã, grega e latina – e árabe, também –, exige o triunfo da tolerância e do universalismo, assente na laicidade e na recusa do extremismo identitário. O sucesso eleitoral de Le Pen é, quanto a esta, um indício perigoso.

Por tudo isto é também tão essencial para o futuro da União o triunfo da razão e do respeito dos direitos fundamentais em terra de Israel e da Palestina, a convivência entre israelitas e árabes, entre muçulmanos, judeus e cristãos que há séculos coabitam em Jerusalém ou Belém. A guerra que os dilacera, os ataques terroristas contra judeus, os crimes perpetrados pelas tropas israelitas a mando de Sharon, em Jenin e um pouco por todo o lado, põem em causa os valores em que assenta a Europa. Se os europeus se comovem e mobilizam, se exigem uma intervenção internacional para pôr fim ao massacre, é porque se sentem profundamente interpelados, como cidadãos, por razões da sua experiência histórica e da sua vivência cultural. Por isto, a impotência da União Europeia é tão trágica.